

As formas de referência ao interlocutor ao longo de dois séculos em cartas portuguesas

The forms of reference to the interlocutor over two centuries in Portuguese letters

Janaina Pedreira Fernandes de Souza*

Secretaria Municipal de Educação, Duque de Caxias, RJ, Brasil

Célia Regina dos Santos Lopes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Diversos são os estudos sobre as formas de referência ao interlocutor no Português Brasileiro, o que fez com que fosse possível estabelecer um panorama sobre o tema nessa variedade. No entanto, ainda são poucos os estudos, de natureza quantitativa especialmente, sobre o tema no âmbito do Português Europeu (PE). Com isso, o presente estudo tem por objetivo apresentar uma breve análise sobre as formas de tratamento utilizadas como pronome-sujeito, no Português Europeu, com base em cartas pessoais, escritas entre os séculos XIX e XX. Para tal, partimos da hipótese principal de que o *tu* seria a forma mais utilizada e o pronome *voce* seria menos frequente por ser negativamente marcado no PE, possuindo contextos muito específicos para sua utilização. De maneira geral, a hipótese principal foi confirmada, entretanto, outras estratégias de tratamento foram utilizadas, como o *Vossa Mercê* e outras formas nominais, sendo até mesmo mais utilizadas que o *tu* (nulo ou pleno), dependendo da temática das cartas e da esfera de relacionamento e do nível de intimidade dos missivistas.

Palavras-chave: Formas de tratamento. Variação e mudança. Português Europeu. Sociolinguística Histórica. Teoria de Redes Sociais.

Abstract: There are several studies about the forms of reference to the interlocutor in Brazilian Portuguese, which made it possible to establish an overview on the subject in this variety. However, there are still few studies, especially of a quantitative nature, on the subject in the context of European Portuguese. Therefore, the present study aims to make a brief analysis of the forms of treatment used as a subject pronoun, in European Portuguese, based on the analysis of personal letters, written between the 19th and 20th centuries. For this, we started from the main hypothesis that *tu* would be the most used form and the pronoun *voce* would be less frequent because it is negatively marked, having very specific contexts for its use. In general, the main hypothesis was confirmed, however, other treatment strategies were used, such as *Vossa Mercê* and other nominal forms, being even more used than *tu* (null or full), depending on the theme of the letters and the relationship sphere and the level of intimacy of the writers.

Keywords: Treatment forms. Variation and change. European Portuguese. Historical Sociolinguistic. Social Networks Theory.

* Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Professor Walter Russo de Souza; jannapi@gmail.com

** Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro; CNPq (1C), FAPERJ; celiar.s.lobes@letras.ufrj.br

1 APRESENTAÇÃO

As formas de referência ao interlocutor, no português brasileiro (PB), têm sido objeto de inúmeras pesquisas e, em decorrência disso, temos um panorama bem delineado sobre o tema, com estudos de natureza qualitativa e quantitativa. Entretanto, ainda são poucos os trabalhos, de natureza quantitativa especialmente, sobre o tema na variedade europeia do português. Sabemos que, na atual sincronia, o PB e o PE apresentam comportamentos distintos no que tange às formas de tratamento ao interlocutor, o que nos leva a questionamentos como: será que sempre foi assim? as formas utilizadas mudaram ao longo do tempo? quais se mantiveram e quais se perderam do século XIX em diante? E é a partir desses questionamentos que este trabalho parte: observar, diacronicamente, as formas de tratamento utilizadas em cartas, escritas entre os séculos XIX e XX e analisar o seu percurso no PE.

O sistema de tratamento ao interlocutor é um dos aspectos linguísticos que mais apresenta (ou sofre) interferência da natureza das relações sociais em uma determinada época, servindo como uma espécie de indicador de mudanças sociais (Bakhtin, 1981; Faraco, 1996). Assim, à medida que a sociedade se reorganiza ou se reorganiza socialmente, a língua também vai se adaptando para atender a tais mudanças e transformações. Com uma sociedade extremamente hierarquizada, as formas de tratamento no PE possuíam regras de uso bem definidas para cada tipo de relação social, até por volta dos séculos XVI/XVII (Cintra, 1972). Todavia, com o início das grandes navegações e da expansão do território português para o Novo Mundo, houve uma reestruturação social que gerou uma instabilidade no sistema de tratamento e sua diferenciação entre as duas variedades do português. Uma das diferenças significativas foi o caminho distinto seguido pelo tratamento *você* advindo de *Vossa Mercê*: no PB, a forma espalhou-se, sendo considerada uma estratégia *default* e não-marcada, e no PE, é utilizada em contextos muito específicos, com tendência a ser evitada.

A análise proposta no artigo leva em conta as formas de tratamento utilizadas como pronome-sujeito, no Português Europeu, com base em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas. O corpus foi extraído dos projetos *P.S. – Post Scriptum e Fly – Cartas esquecidas*, coordenado pela Professora Rita Marquilha da Universidade de Lisboa. Adotaremos, como pressupostos teórico-metodológicos, os princípios da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), da Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960) e de Redes Sociais para sincronias passadas (Milroy, 1992; Milroy; Milroy, 1992; Bergs, 2005).

O artigo inicia a seção 2 com uma breve síntese sobre o tema: a história do tratamento em português europeu. Em 3, descrevemos o corpus da pesquisa e os postulados teórico-metodológicos utilizados para análise qualitativa e quantitativa dos dados. Na seção 4, os resultados serão apresentados de duas maneiras diferentes. De 4.1 até 4.2, trazemos à luz a quantificação de todas as formas de referência ao interlocutor encontradas na posição de sujeito, nos dois corpora de cartas portuguesas dos séculos XIX e XX estudados (*Post Scriptum* e *FLY*). Nessas duas seções, a descrição é panorâmica e serão observados os resultados quanto à distribuição diacrônica, ao preenchimento do sujeito e ao gênero dos missivistas. Já na seção 4.3, abordamos os tipos de relações sociais estabelecidas, em uma perspectiva comparativa dos dois séculos, observando apenas as cartas de cunho familiar. Por fim, na seção 5, apresentamos algumas considerações finais seguidas pelas referências.

2 SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS EUROPEU

A história dos sistemas de tratamento no português é bastante complexa, devido às mudanças quase cíclicas em que formas pronominais sofrem desgaste sociopragmático e vão sendo substituídas por novas formas alternativas nominais ou pronominalizadas. Em termos de origem histórica, o português medieval tem como herança latina um sistema binário para um único interlocutor: o pronome *tu* empregado em contextos de proximidade entre iguais e nas relações assimétricas descendentes (de superior para inferior) e o pronome *vós*¹² como tratamento de distância nas relações assimétricas ascendentes (de inferior a superior).

Em fins do período medieval, tal constituição já apresentava um comportamento distinto, uma vez que a forma *vós* aparece nas fontes documentais sendo utilizada para camadas cada vez mais baixas da sociedade, enquanto novas formas de tratamento nominal abstrato são empregadas no tratamento ao rei nas atas das Cortes. Assim, *Vossa Mercê*, *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria* etc. vão sendo adotadas em referência aos grupos sociais de maior poder como estratégias de polidez linguística para suprir os espaços deixados pelo antigo *vós* de cortesia (Cintra, 1972; Faraco, 2017, p. 176 [1996]). Faraco (2017, p. 18) menciona que *mercê*, na construção possessiva *Vossa* + *nome abstrato*, estaria associado ao poder ou benignidade real. O nome *senhorio*, por sua vez, estaria relacionado “à posse de vastas extensões de terra e com o instituto da vassalagem”. A forma *Alteza*, em sua acepção literal, estava relacionada à altura, mas na constituição do tratamento abstrato assume um sentido figurado que remete à grande elevação moral, ao sublime, à nobreza. Cabe lembrar que as “leis de cortesia”³ instituídas pelo rei Felipe I, em 1597 (Rumeu, 2004), foram publicadas para determinar quais protocolos tratamentais deveriam ser utilizados para esse ou aquele posto social. A imposição de leis dessa natureza parece sugerir: (i) a existência de uma flutuação no emprego das formas de tratamento entre as pessoas da época e (ii) a valorização da distinção social entre os membros da corte portuguesa.

Diferentemente do que ocorre com outros tratamentos abstratos, *VM* passou por processo de desgaste semântico-discursivo semelhante ao que ocorreu com *vós* ao se espalhar a grupos sociais menos abastados, como os duques, os infantes e os fidalgos. A partir do século XVI, *VM* expandiu seu uso a burgueses (os novos alpinistas sociais). As novas mudanças sociais advindas das grandes navegações portuguesas também fizeram com que *VM* fosse se tornando mais frequente no Novo Mundo e assumindo uma gama bastante ampla de destinatários, sobretudo no PB, o que ocasionou inclusive sua deterioração fonética.

Koch (2008) defende que algumas formas tratamentais de base nominal se mantiveram no domínio discursivo para o tratamento honorífico, como é o caso de *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza* e, em menor grau, *Vossa Excelência*. Outras, como *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, contudo, foram sendo utilizadas por pessoas de *status* social inferior (criados, subordinados etc.) ao se dirigirem a membros da aristocracia, basicamente na documentação epistolar. No seu processo evolutivo, a forma *Vossa*

¹ Cf. os estudos citados em Lopes et al. (2018).

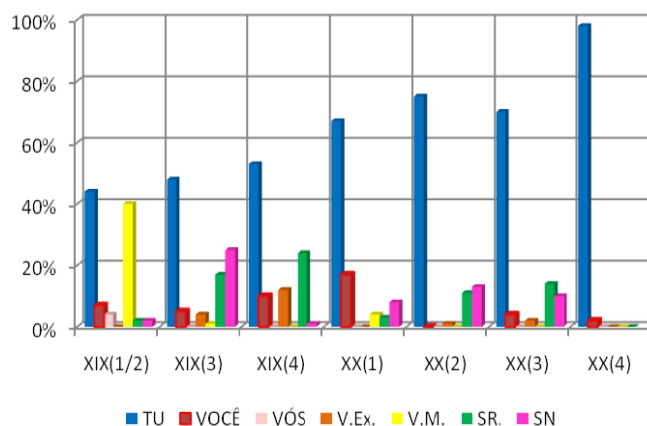
² Originalmente um pronome de segunda pessoa do plural.

³ *Vossa Majestade* seria própria para os reis; *Vossa Alteza*, para Príncipes e seus sucessores; *Vossa Excelência*, para os sucessores dos “Infantes” e *Vossa Mercê*, para diferentes grupos sociais (cf. Cintra, 1972).

Mervê > *voce* deixou de ser influenciada por “regras discursivas” de cortesia exigidas na esfera social e passou ao sistema da língua sendo regida por regras gramaticais ou idiomáticas, nos termos de Koch (2008). Com isso, incorpora-se ao quadro de pronomes de tratamento e depois ao de pronomes pessoais, na forma mais contrata *voce*.

Com relação às diferenças entre o PE e o PB, os estudos diacrônicos sobre o tema têm demonstrado que, até provavelmente o século XIX, as duas variedades tiveram as mesmas mudanças: desuso de *vós* na posição de sujeito, inserção do tratamento *voce* advindo de *VM* e emergência de *sen* para segunda pessoa (Cintra, 1972; Machado, 2011; Nascimento et al., 2018; Lopes, 2019; Lopes et al., 2020; Lopes et al., 2021). A partir de então, entretanto, os caminhos tornam-se distintos, principalmente no tocante ao emprego de *voce* como pronome de segunda pessoa (2SG). No PB, por um lado, houve a difusão de *voce* em grande parte do território nacional, seja em variação com *tu* em algumas regiões, seja como única estratégia de 2SG (cf. Lopes et al., 2018, entre outros). No PE, por outro, o pronome mais antigo *tu* não só continuou a ser a forma predominante, como aumentou seus índices de frequência ao longo do século XX (Machado, 2011; Souza, 2021).

Os resultados de Machado (2011), obtidos a partir de um corpus de peças teatrais portuguesas dos séculos XIX e XX, dão um panorama geral das principais estratégias nominais (*Vossa Excelência* (V.Ex.), *Vossa Mercê* (V.M.), *Senhor* (SR.), *sintagmas nominais* (SN)) e verbo-pronominais utilizadas entre os personagens nos diálogos obtidos no teatro de costumes. Observa-se no gráfico que a forma *tu* aparece como a estratégia mais frequente ao longo do período analisado, principalmente, mas não de forma exclusiva, nas relações mais simétricas:



Fonte: Machado (2011, p. 122).

Gráfico 1 – A distribuição das formas de 2SG em peças teatrais portuguesas (séculos XIX e XX)⁴.

Outro aspecto interessante observado no gráfico de Machado (2011) é a presença de *Vossa Mercê* na primeira metade do século XIX e no início do século XX. A partir de então, tal estratégia não foi mais localizada no corpus analisado.

⁴ No primeiro grupo – XIX (1/2) –, encontram-se as peças de 1819 e 1825; no segundo – XIX (3) –, as peças de 1858 e 1866; no terceiro – XIX (4) –, as peças de 1874 e 1895; no quarto – XX (1) –, as peças de 1902, 1921 e 1925; no quinto – XX (2) –, as peças de 1931 e 1934; no sexto – XX (3) –, as peças de 1956, 1958 e 1965; e, por fim, no sétimo – XX (4) –, a peça de 1995.

A autora mostra que a presença de *VM* no século XIX deu-se, em particular, nas *relações simétricas não-solidárias*, como é o caso das interações entre desconhecidos e de conhecidos (não amigos) sem nenhum vínculo familiar (2011, p. 193). Nesse contexto, *VM*, com 60%, aparece como forma de referência ao interlocutor juntamente com *tu* (13%) e com *você* (27%) em uma peça de 1819. Na peça de 1921, entretanto, nota-se que *VM*, com 23%, e *você* (20%) perderam espaço para o pronome *tu* (57%) como consta na tabela a seguir:

Tabela 1 – A distribuição dos dados nas relações simétricas não-solidárias na amostra portuguesa.

FT	Tu		Você		Vós		V. Ex. (e variantes)		V. M. (e variantes)		SR.		SN	
1819	5/40	13%	11/40	27%	-	-	-	-	24/40	60%	-	-	-	-
1858	1/95	1%	-	-	-	-	-	-	-	-	21/95	22%	73/95	75%
1866	4/75	5%	15/75	20%	-	-	-	-	-	-	46/75	61%	10/75	13%
1874	1/106	1%	17/106	16%	1/106	1%	28/106	26%	-	-	59/106	56%	-	-
1921	11/145	7%	73/145	50%	-	-	1/145	1%	-	-	21/145	14%	39/145	26%
1925	63/110	57%	22/110	20%	-	-	-	-	25/110	23%	-	-	-	-
1934	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14/18	78%	4/18	22%
1956	27/197	14%	13/197	6%	-	-	25/197	13%	-	-	113/197	57%	19/197	10%
1958	1/32	3%	4/32	13%	-	-	-	-	-	-	-	-	27/32	84%
1965	8/45	18%	9/45	20%	-	-	-	-	-	-	28/45	62%	-	-
Total	121/863	14%	164/863	19%	1/863	0%	54/863	6%	49/863	6%	302/863	35%	172/863	20%

Fonte: Adaptado de Machado (2011, p. 193).

Embora as formas de tratamento levantadas não possam ser consideradas, *stricto sensu*, como formas variantes, é inegável a difusão e preponderância de *tu*, ao longo do século XX, em distintas relações pessoais, com destaque, para as relações simétricas de caráter mais solidário, como era de se esperar.

A presença incipiente da forma *você* na amostra de peças do PE, ao longo dos dois séculos, vai ao encontro das postulações de Duarte (2011, p. 87-88) e de Guilherme e Bermejo (2015, p. 170), quando afirmam que seu uso no PE pode ser considerado inadequado em várias situações interativas e *quase inadmissível* em outras tantas.

Outro resultado de Machado (2011), base de nossas hipóteses, diz respeito aos índices de preenchimento de sujeito nas duas amostras de peças (brasileiras e portuguesas). A autora observou que o aumento de *você* ao longo do século XX, no PB, foi acompanhado pelo aumento dos índices relativos ao sujeito pleno, ou seja, houve um maior inovadorismo tanto na configuração do sistema pronominal de 2SG (inserção de *você*), quanto no avanço gradual no parâmetro do preenchimento do sujeito (mais sujeito pleno). O PE apresentou forte estabilidade quanto a tais aspectos. Ao longo do século XX, o tratamento íntimo *tu* como sujeito nulo se conservou estável

com percentuais acima de 80% e o uso de *você* foi incipiente. As taxas relativas aos sujeitos plenos também não se alteraram ao longo do tempo no PE com frequências baixas, em torno dos 35%.

3 OS POSTULADOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E O OS CORPORA DE CARTAS PORTUGUESAS

Ao estudarmos fenômenos linguísticos em sincronias passadas, nem sempre é possível estabelecer com precisão as relações sociais da época, bem como obter algum tipo de material para tal análise linguística. Para o estudo diacrônico do tratamento, as cartas constituem um material propício para tal empreitada, por fornecerem informações importantes, características do próprio gênero textual, como: remetente, destinatário, saudação inicial e final, local e data, assinatura, entre outros metadados fundamentais à identificação das relações entre os interlocutores.

As cartas analisadas na presente pesquisa fazem parte de dois projetos organizados pela professora Rita Marquilhas, da Universidade de Lisboa: o projeto *Fly* – *Cartas Esquecidas*, que reúne missivas escritas no século XX e o projeto *Post Scriptum*, que é composto por cartas produzidas entre os séculos XVI ao XIX.

O *Post Scriptum*⁵ é um corpus anotado morfológicamente, que está disponibilizado digitalmente ao usuário, possibilitando a realização de buscas linguísticas e a obtenção de informações extralinguísticas sobre os documentos. Trata-se de missivas escritas em português e espanhol, das mais variadas regiões e estratos sociais, permitindo assim uma boa representatividade social por sua pluralidade documental.

Já o projeto *Fly*⁶ é composto por cartas produzidas, durante o século XX, por portugueses que residiam tanto em Portugal, como nos mais variados países. Uma das principais características desse corpus é a sua organização por “contexto de escrita”, isto é, uma das possibilidades de busca dos documentos pode se dar a partir do contexto social da escrita: cartas redigidas durante a 1ª guerra e a guerra colonial, portugueses emigrados para outros países, entre outros.

Como salienta Conde Silvestre (2007, p. 35), pesquisar no âmbito da diacronia é trabalhar com materiais que resistiram ao tempo e, consequentemente, se constituíram como fontes fragmentárias tanto do ponto de vista documental/acervo, quanto no que se refere à história social. Como veremos adiante, a amostra do século XIX é composta por missivas produzidas apenas na primeira metade do século. As fontes do século XX são mais abrangentes e vão até a segunda metade do século, no entanto, ambas as amostras possuem uma característica que as unem: trata-se de cartas da esfera privada. Para o século XIX, identificam-se relações interpessoais de maior e menor proximidade, pois há desde cartas trocadas entre parentes a cartas trocadas entre patrão-empregado. Já no século XX, as missivas são estritamente pessoais, produzidas no âmbito familiar e de amizade.

⁵ *Post Scriptum* – Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. Projeto coordenado pela professora Rita Marquilhas (CLUL- Universidade de Lisboa).

⁶ *FLY* – Forgotten Letters Years (1900-1974). Projeto coordenado pela professora Rita Marquilhas (CLUL – Universidade de Lisboa), que reúne documentos do século XX produzidos na esfera privada e escritos por autores de todos os estratos sociais.

Para a análise qualitativa dos dados, adotamos os postulados gerais da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown; Gilman, 1960) e da Teoria de Redes Sociais (*Social Network*) (Milroy; Milroy, 1985, 1992; Milroy, 1992; Bergs, 2005), visto que procuramos resgatar as implicações temporais, históricas, sociais e interpessoais das estratégias de tratamento no PE. A partir dessa perspectiva, consideramos que os indivíduos exercem papéis sociais que os fazem estabelecer relações a partir de forças como o *poder* e a *solidariedade* (Brown; Gilman, 1960), por ainda estarmos tratando com materiais de um período no qual a sociedade em questão ainda era bastante hierarquizada. Estamos inclusive aliando o conceito de redes sociais discutido em Milroy e Milroy (1985), e apropriado por Bergs (2005) para estudos diacrônicos. Assumimos, desse modo, que os usos linguísticos, além de serem influenciados por fatores razoavelmente estáveis como gênero, faixa etária e papel social do falante, podem ser determinados pelo tipo de relação, mais ou menos abertas/densas, estabelecida nas redes sociais da qual o indivíduo fazia parte (Milroy; Milroy, 1985). Os falantes/escreventes do passado também participariam de diferentes estruturas de rede que poderiam contribuir nos processos de variação e mudanças historicamente comprovadas, como é o caso das alterações nos sistemas de tratamento (Tieken-Boon Van Ostade, 2000, p. 211–212). A quantificação dos dados e os resultados estatísticos foram obtidos a partir do Programa Goldvarb X.

Neste artigo, como mencionado na introdução, apresentaremos, inicialmente, os resultados obtidos nas duas amostras (*PS* e *FLY*), sem separar os contextos de uso e, em um segundo momento, analisaremos os resultados referentes apenas às formas de referência ao interlocutor encontradas em cartas da esfera privada. Desta maneira, os resultados de todas as cartas dos dois séculos serão apresentados lado a lado a partir dos seguintes fatores em análise: (i) a década ou fase histórica de produção do documento estudado, (ii) o preenchimento ou não do tratamento na posição de sujeito, e (iii) o gênero do missivista/do destinatário.

No levantamento das formas de tratamento empregadas na posição de sujeito, os dados de *Vossa Mercê* foram isolados de outras estratégias de tratamento abstrato, por estarmos partindo da hipótese de que esse tratamento deixou de ser influenciado apenas por regras discursivas e passou a se incorporar às regras da língua ao se gramaticalizar em *você*. As formas nominais levantadas no corpus são bem diversificadas e constituídas por: construções com possessivo + nome (*Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* etc.); determinantes + forma de parentesco (*a mãe*, *o meu tio*, *a prima*); forma de parentesco + título/cargo (*irmão mestre*); determinante + título/cargo/posição mais ou menos gramaticalizados (*o/a senhor/a*, *meu amo*); formas de parentesco, ou não, afetivas (*a mãezinha*); entre outras combinações de nomes em função dos cargos (*O Senhor reverendo abade*, *Vossa paternidade reverendíssima*). Vale ressaltar que as formas nominais de tratamento são estratégias que possuem empregos específicos, regidos inclusive por “leis de cortesia” (como já mencionado anteriormente), como o tratamento *Vossa Majestade* por exemplo. Desta maneira, tal estratégia não estaria em variação com nenhuma outra. No entanto, algumas dessas formas de tratamento, como *Vossa Senhoria* e o próprio *Vossa Mercê*, foram ampliando seu escopo de uso e já aparecem no século XIX em diferentes contextos de maior ou menor proximidade. Por fim, estamos chamando de *referência nula de 3ª pessoa* quando houver a presença de desinência verbal de terceira pessoa do singular sem dados de sujeito preenchido na carta, como em (a); ou quando o verbo na 3ª pessoa se referir a mais de uma forma na carta preenchendo a posição de sujeito, em (b):

- (a) Como [] sabe ele ficou bem, e creio que muito bem na par-te escrita. Mas outro tanto não sucedeu na parte oral, pois teve que desestir (FLY2082 – 1918. Carta de amizade de um militar do CEP para um seu amigo, capitão)
- (b) agora digo que se [VM] brama contra o preso nós cá estamos de fora para o despicar. [VSa] tem sido muito respeitado e mais o seu feitor Antônio da Rosa. Agora não [] queira perder muito por coisa pouca (CARDS0066 – 1822. Carta anónima, atribuída a José António Maltezinho, salteador, escrita a Vicente António, deputado.)

Com o intuito de garantir a comparabilidade das duas amostras dos séculos XIX e XX, analisaremos as relações/funções sociais do autor com o destinatário, levando em conta somente as cartas da esfera familiar (cf. 4.3).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS EM CARTAS PESSOAIS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX AO XX

Para o século XIX, foram analisadas 586 cartas. Na quantificação, obtivemos 3115 ocorrências no total e uma grande diversidade de estratégias de base nominal. Desse total, 792 dados são de formas relacionadas à 2ª pessoa (*tu*) e, a grande maioria, 2285 dados de formas nominais e pronominais originalmente de 3ª pessoa: 1295 de *Vossa Mercê*, 717 de outras formas nominais de tratamento, 233 de formas desinenciais de 3ª pessoa sem sujeito explícito e apenas 39 ocorrências de *você*. Identificamos também 39 dados relacionados à forma de P5 (*vós*).

Para o século XX, foram analisadas 351 cartas e encontrados 2590 dados, sendo 2381 de formas de 2ª pessoa (*tu*) e 209 de formas relacionadas à 3ª pessoa (105 dados de *você*, 60 de referência nula e 44 dados de formas nominais).

Apenas com um intuito de apresentar um panorama das formas tratamentais encontradas nas amostras dos dois séculos, apresentamos, na tabela 2, o levantamento geral de todas as estratégias, na posição de sujeito, sem levar em conta, por ora, os seus contextos de uso que serão discutidos em 4.2:

Tabela 2 – Distribuição geral das formas de tratamento encontradas em cartas portuguesas dos séculos XIX e XX.

Formas de referência ao destinatário	Século XIX	Século XX
Tu	792/3115 25,4%	2381/2590 92%
Você	39/3115 1,2%	105/2590 3,6%
Vossa Mercê	1295/3115 41,5%	---
Outras formas nominais	717/3115 23,3%	60/2590 2,2%
Referência nula (3ª pessoa)	233/3115 7,4%	60/2590 2,2%
Vós	39/3115 1,2%	---

Total	3115	2590
-------	------	------

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na amostra de cartas do século XIX, a forma *Vossa Mercê* foi a mais recorrente com 41,5% de frequência. O pronome *tu*, realizado ou não como sujeito explícito, foi a segunda forma mais frequente, com 25,4% da frequência total (792 dados). Assim, as estratégias relacionadas à terceira pessoa superaram estatisticamente às de segunda pessoa. Além disso, foram identificados diferentes tipos de sintagmas de base nominal nessas cartas oitocentistas, demonstrando a diversidade de tipos de relações que compõem o corpus. Há desde formas de tratamento ao rei (*Vossa Majestade*, *Alteza Real*), sintagmas nominais de parentesco (*minha tia*, *meu tio*, *irmão mestre*), além de *Vossa Senhoria* (15,48%), *Vossa Excelência* (4%), até outras estratégias minoritárias que não atingiram 1% de frequência como *Vossa Paternidade/Reverendíssima/Senhor Reverendo*, *Vossa Ilustríssima*, *O senhor*, *Meu amo*, *Prenomes*, etc. O arcaizante *vós*, em referência a um único interlocutor, também apresentou índices irrisórios de uso (1,2%).

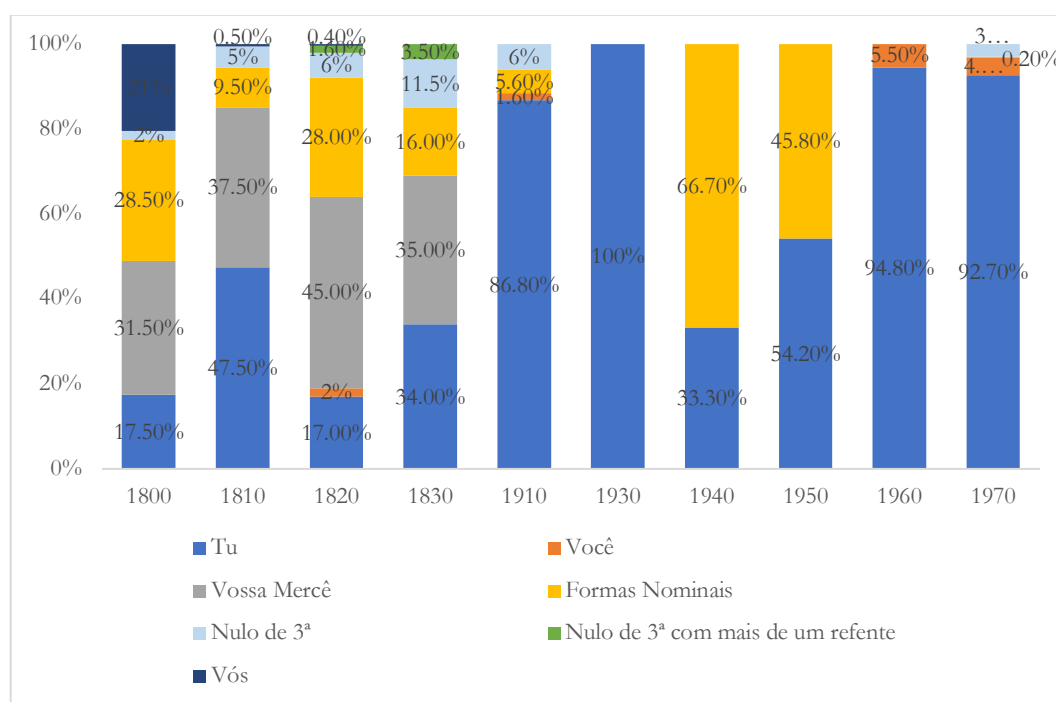
Nas cartas do século XX, houve o predomínio quase absoluto de *tu* (92% - 2381 ocorrências) e a ausência de *Vossa Mercê* e do *vós*. As formas nominais tiveram uma frequência irrisória (2,31%) com apenas seis diferentes estratégias (*a prima*, *o senhor*, *a maesinha*, *o meu pae*, *o padrinho* e *a sra.*). O pronome *você*, embora também apresente baixíssima frequência (4%), foi a segunda estratégia mais produtiva nas cartas novecentistas. As possíveis motivações para seu emprego serão discutidas em 4.3.

Esses resultados gerais obtidos nas cartas vão na mesma direção do que fora observado por Machado (2011) nas peças teatrais. As formas de base nominal (primitivamente de 3ª pessoa) foram produtivas também nas cartas do século XIX e superaram o uso de *tu*. Nas missivas relativas ao século XX, por sua vez, a forma *tu* prevaleceu, assim como foi predominante nas peças teatrais, atingindo, em nosso corpus e no de Machado (2011), índices superiores a 80%. A forma *você* se mostrou pouco produtiva nos dois estudos com fontes documentais do português europeu.

4.1 A cronologia da distribuição das formas e o preenchimento do sujeito em cartas portuguesas dos séculos XIX e XX

No gráfico a seguir, são apresentadas as frequências das formas de tratamento encontradas nas cartas, desde o início do século XIX (1800) até fins do XX (1970)⁷. Mesmo com lacunas no corpus entre 1840 e 1910, é possível tecer alguns comentários gerais:

⁷ Não foram localizadas cartas referentes aos períodos de 1840 a 1910.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Distribuição percentual das formas nos séculos XIX e XX.

O Gráfico 2 permite mapear cronologicamente a distribuição das formas de tratamento encontradas nas cartas dos corpora. Em princípio, nota-se que as formas de *tu*, *Vossa Mercê* e *formas nominais* predominaram na amostra analisada durante as quatro primeiras décadas do século XIX. Nas cartas dos oitocentos, o tratamento *Vossa Mercê* apresentou uma frequência alta e ficou relativamente estável entre 1800-1830, mas deixou de ocorrer a partir do século XX, porque já havia se gramaticalizado no pronome *você*. O emprego do pronome *tu* e das *formas nominais* ocorreu praticamente em distribuição complementar no século XIX, pois estão ligados, como será discutido em 4.3, aos tipos de relação mais íntima ou menos íntima estabelecida entre os missivistas. No século XX, entretanto, o pronome *tu* é a estratégia predominante, apresentando índices próximos de 90% ao longo desse século nas cartas. As outras três estratégias encontradas, relacionadas às formas de 3ª pessoa (*você*, *formas nominais* e *nulo de 3ª*), ocorreram marginalmente no corpus a depender da natureza da relação estabelecida e da natureza da carta. Tal polarização entre *tu* versus *formas de 3ª pessoa*, no entanto, não evidenciaria uma variação *stricto sensu* pelo fato de algumas das variantes, como é o caso de *o/a senhor(a)*, não terem exatamente o mesmo valor de intimidade/proximidade próprio de *tu* (cf. 4.3).

Os baixos índices de *vós* no século XIX já sinalizavam o seu desuso, uma vez que *vós*, tratamento arcaizante, não ocorreu mais nas cartas do século seguinte. Quanto à forma *você*, vê-se também uma frequência bastante baixa e lacunar nos dois séculos, sinalizando, entre outras coisas, que no PE, pelo menos desde o século XIX, sempre houve uma forte resistência ao seu emprego. Como defendem Lopes, Martins e Souza (2021), o tratamento *você* pode ter sido bloqueado, entre outros fatores, pela tendência

*pro-drop*⁸ do PE, o que não favorece o emprego tratamental plenamente realizado. As formas nominais são predominantemente preenchidas e servem para marcar sociopragmaticamente o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores, como será mostrado mais à frente.

Em síntese, as cartas escritas no século XX indiciam a presença estável de *tu* ao longo de todo o século. As outras estratégias apareceram muito esporadicamente nas cartas a depender da natureza menos próxima da relação entre remetente e destinatário, como será mostrado em 4.3. Os dados de *você* não ultrapassaram 5% de frequência, indicando resistência à sua implementação no PE (diferentemente do que se observa no PB). Esses resultados reiteram a posição de Machado (2011), Lešková (2012), Guilherme e Bermejo (2015), Nascimento et al. (2018) sobre a manutenção e generalização de *tu* no PE que tem um emprego cada vez mais alargado, tendendo até mesmo a ir além dos contextos de intimidade.

Na sequência, serão apresentados os resultados relativos ao preenchimento do sujeito, que estariam relacionados a duas questões intrinsecamente correlacionadas: a manutenção de parâmetro *pro-drop* do PE e a relação estabelecida entre os escreventes.

Do ponto de vista linguístico, o PE apresentaria altos índices de *tu* como sujeito nulo nos dois séculos, comprovando a tendência ao sujeito nulo e à conservação do paradigma verbal. Por outro lado, apesar dessa manutenção do paradigma, as formas de 3ª pessoa tenderiam a aparecer preenchidas por poderem estar associadas a diferentes tratamentos pronominais e nominais, ou seja, *chegaste* tem como única possibilidade o sujeito *tu*, mas *chegou* pode ter como sujeito *Vossa Mercê*, *você*, *a menina*, *o senhor*, etc. Com isso, a difusão do tratamento *você* teria sido bloqueada no PE, entre outras coisas, por uma propriedade da gramática daquela variedade/língua que conservou estável o parâmetro *pro-drop*, diferentemente do que ocorreu no PB no século XX (Lopes, 2019, p. 288). O tratamento *você* não teria avançado nos dois territórios na mesma velocidade no seu processo de gramaticalização, mantendo-se como uma forma mais marcada e assumindo acepções negativas em Portugal. A Tabela 3 traz os resultados da realização do preenchimento do sujeito nos dois séculos:

Tabela 3 – Distribuição do preenchimento do sujeito nas cartas portuguesas dos séculos XIX e XX.

Séculos	XIX		XX	
Sujeitos	Nulos	Plenos	Nulos	Plenos
Tu	620/792 78%	172/792 22%	1944/2381 81,60%	437/2381 18,40%
Você	20/39 51%	19/39 49%	18/105 17,20%	87/105 82,80%
Vossa Mercê	633/1296 49%	662/1296 51%	-	-
Formas Nominais	294/717 41%	423/717 59%	8/44 18,20%	36/44 81,80%
Nulo de 3ªp sem referente expreso	191 100%	-	60/60 100%	

⁸ Para mais informações sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e no PE, cf. Duarte (1995), Barbosa et al. (2001), Kato (2002), Novaes (2019), entre outros.

Nulo de 3ªp com mais de um referente expresso ⁹	40 100%	-	-	-
Vós	20/39 51%	19/39 49%	-	-
Total	1798/3115 58%	1318/3115 42%	2030/2590 78,30%	560/2590 21,70%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para o século XIX, observa-se que as ocorrências entre nulos e plenos são bastante equilibradas para *Vossa Mercê*, *você* e *formas nominais*, com exceção da forma *tu*, que é predominantemente nula com 78% de frequência, fato que se mantém no século XX (81,6%). No caso do pronome *você*, nota-se uma diferença irrisória com um dado a mais de nulo (20 dados) sobre pleno (19 dados). *VM* e as *FN* se mostraram ligeiramente mais plenas, resultado que reitera o que fora observado por Paiva e Duarte (2003, p. 11): as autoras identificaram *Vossa Mercê* predominantemente pleno em peças teatrais do século XIX. Seguem algumas ocorrências em nossa amostra:

- (1) Eu desejaria bem que [você tivesse] onde as recolhesse para não saírem para fora. (...) Assim, se [] pretende também contra a minha vontade apossar-se das águas-furtadas, que o [] faça, mas que eu hei de reclamar contra um tal procedimento perante as autoridades competentes. (PS1037 – 1823. Carta de Mário, religioso dominicano, para o amigo frei António de São Tomás Carreno, religioso dominicano.)
- (2) [Vossa Paternidade Reverendíssima, portanto, depois de receber esta minha, comunicará] isso mesmo à sua comunidade. E, convocando os padres que segundo o artigo de antiga observância deviam votar na eleição do Prior desse convento, os [] exortará em meu nome (lendo-lhes esta minha) a apartar de si qualquer humana paixão (CARDS0294 – 1809. Carta de Monsenhor Lorenzo Caleppi, Núncio Apostólico, para Vicente da Silva, prior dos carmelitas do Faial.)
- (3) E [VM fará] o favor de me mandar estas doze moedas pelo correio seguro. [] E mandará a carta com a cautela. E remeta tudo para o Senhor José Maria Peixoto de Azevedo, preso no Limoeiro. (PS3001 – 1822. Carta anónima, assinada com o pseudónimo Pedro Leal, para Joaquim António Tenreiro, proprietário.)

Os exemplos mostram ocorrências de *você*, *formas nominais* e de *Vossa Mercê*. Tais estratégias, que fazem referência ao interlocutor, mas gramaticalmente levam o verbo para a 3ªp, tendem a ocorrer como sujeitos plenos para especificar a quem o missivista está se referindo. Com um sujeito nulo de 2ªp, fica evidente pela marca desinencial que o missivista estará se referindo ao destinatário por *tu*, ao passo que, com estratégias formais de 3ªp, não se identifica o tratamento na forma verbal. Nesse caso, o remetente tende a explicitar o sujeito com o tratamento que considera adequado ao contexto situacional e interacional a que se refere, pois cada estratégia de tratamento possui um significado extralinguístico e pragmático fundamental na interação falada ou escrita.

Quanto aos resultados relativos ao século XX, nota-se que a forma *tu* se

⁹ A indicação do quantitativo do verbo de 3ª pessoa na tabela (que só pode ser 100% nulo e não pleno) justifica-se pelo fato de queremos sinalizar que tal uso pode ser uma estratégia de esquiva ou uma maneira do escrevente sinalizar certa indecisão do tratamento mais adequado para se referir ao destinatário.

manteve estável como sujeito majoritariamente nulo, enquanto *você* e *formas nominais* apresentaram índices de frequência bastante altos como sujeitos plenos, com 82,8% e 81,8%, respectivamente. A estratégia *nulo de 3ªp*, como o próprio nome indica, só aparece como sujeito nulo.

Na próxima seção, são apresentados os resultados referentes ao gênero com base em todas as cartas dos dois corpora.

4.2 Aspectos extralinguísticos: o gênero do missivista em cartas portuguesas dos séculos XIX e XX

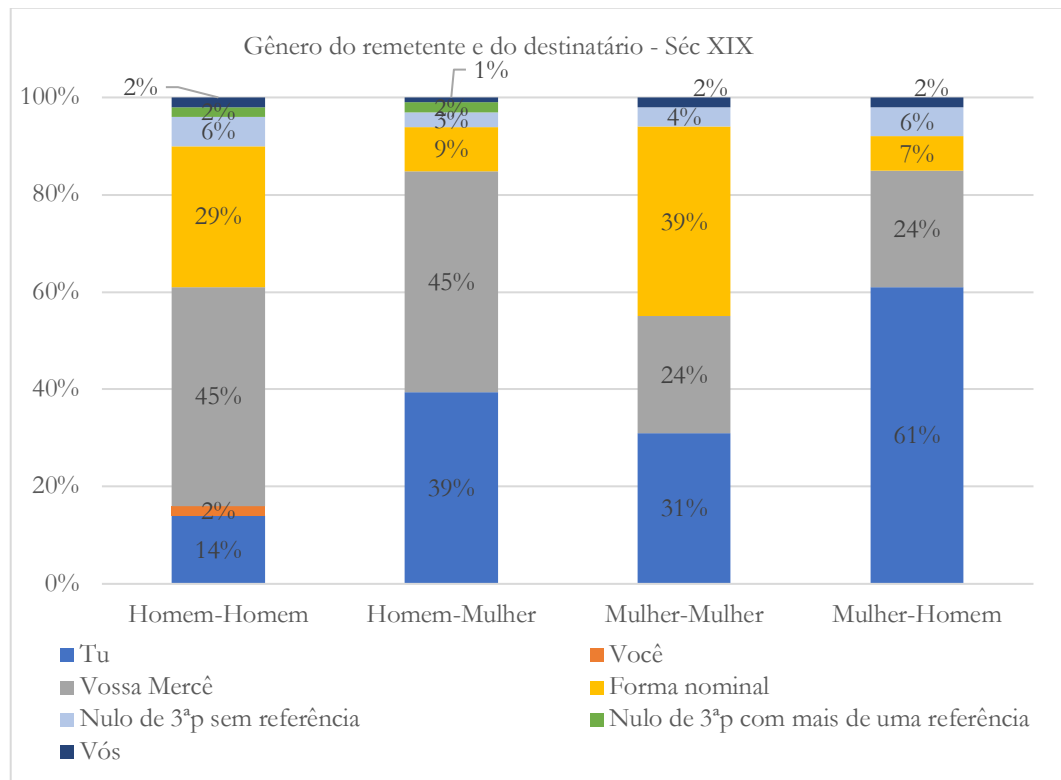
Sobretudo a partir de Labov (1990), discute-se o *Paradoxo do Gênero* no estabelecimento das diferenças comportamentais entre homens e mulheres nos processos de variação e mudança. Grosso modo, as hipóteses levantadas postulam que as mulheres assumiriam um comportamento mais conservador nos fenômenos de *variação* ao evitarem formas estigmatizadas, ao passo que nos casos de *mudança*, elas seriam mais inovadoras ao utilizarem formas “não padrão”.

No que se refere aos usos tratamentais, entretanto, nem sempre é simples identificar quais formas seriam conservadoras/inovadoras e decifrar qual variante sofreria estigma, pois os valores sociais atribuídos ao tratamento são variáveis tanto em termos cronológicos quanto diatópicos. Se recuarmos ao PE oitocentista, é possível afirmar que as formas de base nominal (*Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, *Ilustríssimo Senhor*, etc.) seriam mais convencionalizadas e destinadas a cargos e a posições mais altas na esfera social, logo não sofreriam estigma, como consta no *Secretario Portuguez* (Freire, 1746; 1823) sobre como escrever cartas. Por sua vez, *Vossa Mercê* e *você* não teriam a mesma valoração das outras formas de base nominal, pois já haviam sofrido algum desgaste semântico-pragmático tanto entre os homens como entre as mulheres. O *você* seria a forma inovadora por ser uma estratégia derivada da antiga forma *Vossa Mercê*. O pronome *tu*, por sua vez, estava estabelecido no plano da intimidade com um comportamento estável desde o português medieval (herança do sistema binário latino: *tu-intimo* vs. *Vós-cortês*), segundo Cintra (1972), Teyssier (2001), entre outros. A forma *vós*, como sujeito nulo ou pleno para um único interlocutor/destinatário, já seria considerada um tratamento arcaizante.

A partir desses aspectos, discutidos em Souza (2021), a hipótese norteadora é a de que, em contextos de uso de estratégias convencionalizadas e determinadas por “regras discursivas” (Koch, 2008), como *Vossa Majestade* por exemplo, homens e mulheres adotariam as mesmas formas no século XIX. O pronome *você* não teria a mesma valoração social das formas de base nominal, sendo assim menos frequente na escrita feminina (Labov, 1990), já que seria uma forma negativamente marcada na variedade europeia. O pronome *tu*, na esfera da intimidade, era a estratégia mais utilizada entre ambos os sexos. Em relações simétricas não-íntimas, as mulheres teriam preferência pelas formas nominais para manter certo distanciamento e recato¹⁰, enquanto os homens manteriam o emprego do *tu-solidário*.

Os resultados estão apresentados nos gráficos a seguir, que levam em conta o sexo do remetente e do destinatário das missivas oitocentistas:

¹⁰ Principal, mas não exclusivamente, no século XIX.



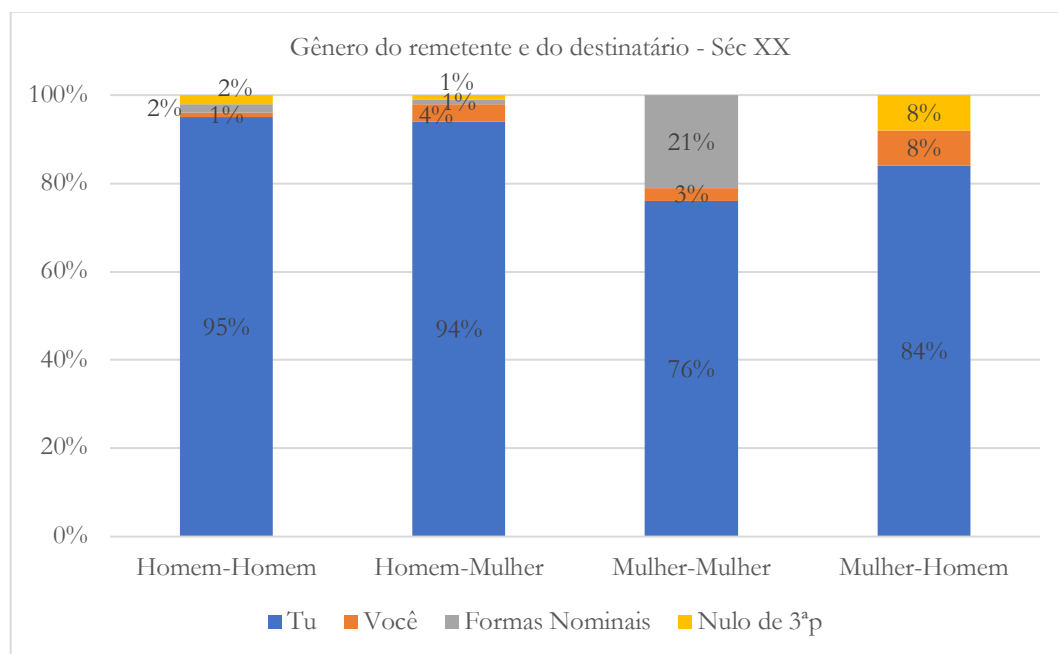
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 3 – Distribuição das formas segundo o gênero dos missivistas - século XIX.

No século XIX, o gráfico mostra que nas cartas escritas por **homens** predominou o *VM*, independentemente do gênero do destinatário (45% tanto em cartas para homens, quanto para mulheres). A segunda estratégia mais empregada foi o *tu*, principalmente em cartas amorosas escritas para mulheres (39%). Em terceira posição, têm-se as *formas nominais*, com 29%, sobretudo pelo fato de essas cartas oitocentistas serem trocadas por missivistas que possuíam relações de hierarquia social: membros do clero e da nobreza, comerciantes, juristas, entre outros.

Nas cartas **femininas** do XIX, observa-se o predomínio da forma *tu* em cartas (amorosas) trocadas com homens (61%), possivelmente pela forte proximidade entre remetente-destinatário (Machado, 2011). Ao escreverem para outras mulheres, prevaleceram as *formas nominais* com 39%. Nesse caso, predominaram majoritariamente relações no âmbito pessoal-familiar, como será mostrado na próxima seção. O tratamento *VM* apresentou a mesma frequência independentemente do gênero do destinatário (24% em cartas para homens e para mulheres).

Vejamos, no gráfico, os resultados do século XX:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 4 – Distribuição das formas segundo o gênero dos missivistas - século XX.

No gráfico relativo ao século XX, percebe-se que homens e mulheres apresentaram um comportamento ligeiramente diferente: o emprego de *tu* pelas mulheres foi inferior ao observado pelos homens. Nas cartas escritas por **mulheres**, as frequências são de 76% para mulheres e 84% para homens, enquanto nas cartas **masculinas** os índices estão acima de 90%, independente do gênero do destinatário. A presença de outras formas de tratamento de base nominal foi maior entre as mulheres quer na escrita para homens, quer para outras mulheres, confirmando assim a nossa hipótese de que as mulheres tenderiam a empregar formas que indicariam menor intimidade entre remetente-destinatário.

Por fim, trataremos na próxima seção sobre as relações sociais entre os missivistas e como isso influenciaria nas escolhas linguísticas dos remetentes. Para finalmente garantir a comparabilidade das amostras dos séculos XIX e XX, a análise se restringirá às cartas pessoais da esfera privada familiar, já que as missivas novecentistas disponíveis se restringem ao âmbito pessoal e foram trocadas entre familiares e amigos no contexto de guerra, exílio e prisão¹¹.

4.3 Aspectos extralinguísticos: as relações de Poder e Solidariedade em cartas privadas portuguesas – séculos XIX e XX

O controle do tipo de relação interpessoal estabelecida entre os interlocutores ou redatores (como no caso de cartas) é um dos fatores preponderantes nos estudos teóricos sobre a interferência social nas formas de tratar desde Brown e Gilman (1960) até Fasold (1990) e Zemeng (2016), entre outros. Grosso modo, a relação/parentesco e a função/papel social exercidos pelos missivistas a partir da dinâmica entre o *poder* e a *solidariedade* podem desencadear, principalmente em sociedades passadas mais

¹¹ Para o século XIX, a amostra de cartas é bem mais ampla, há também cartas institucionais e pessoais não familiares, que serão deixadas de lado para garantir a comparabilidade.

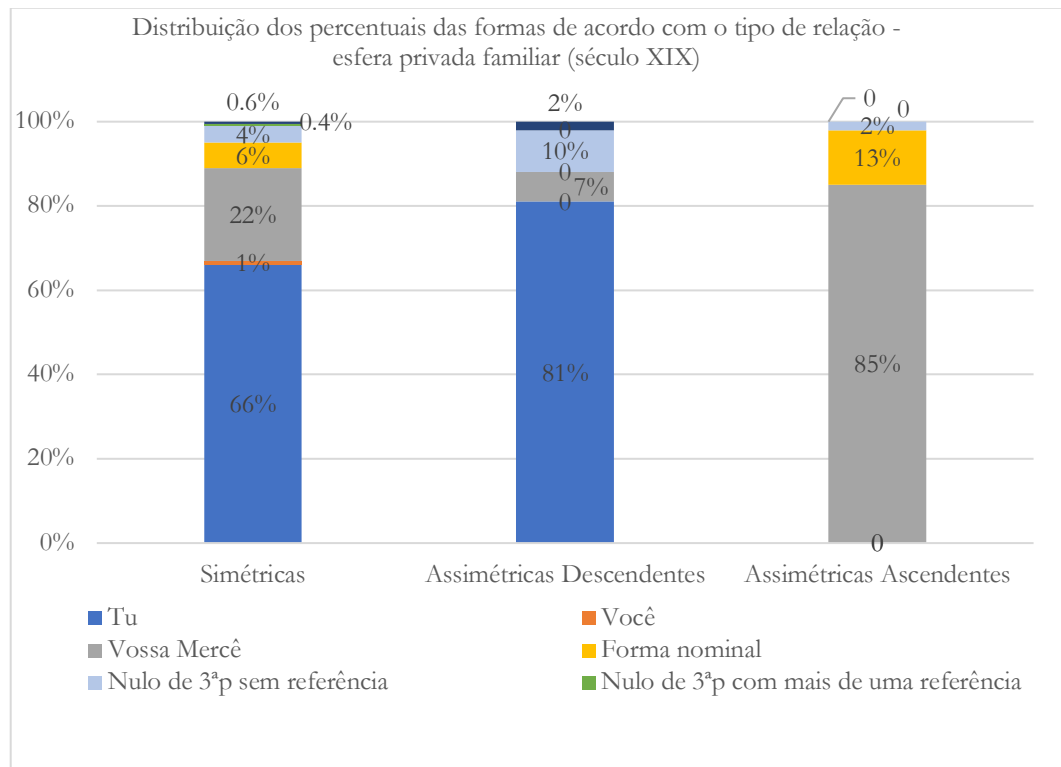
hierarquizadas, o emprego de uma ou outra estratégia linguística de tratamento (Brown; Gilman, 1960). Com variação de língua para língua, os autores mostram que em relações de maior intimidade, solidariedade e proximidade haveria o favorecimento de *tu* (T), enquanto as relações de menor intimidade e de maior poder entre os participantes favoreceriam o emprego do tratamento menos solidário (V), que no PE, em particular, seriam as *formas de base nominal* ou mesmo o *você*.

Na proposta mais antiga de Cintra (1972) e nos estudos mais recentes, como os de Machado (2011), Nascimento et al. (2018, p. 246), entre outros, os autores têm defendido que, mesmo com a complexidade que caracteriza o sistema de tratamento do português ao longo de sua formação histórica, a forma *tu* se manteve nas relações simétricas entre falantes e nas assimétricas descendentes (de um interlocutor com mais poder para um outro com menor poder). Como pesquisas anteriores¹² têm demonstrado, enquanto o emprego de *você* no PB é, por sua neutralidade, amplamente aceito e reconhecido pelos seus falantes nas mais diferentes relações interpessoais e regiões do país, o seu uso no PE pode ser considerado inadequado em várias situações interativas e *quase inadmissível* em outras tantas (cf. Duarte, 2011, p. 87-88; Guilherme; Bermejo, 2015, p. 170). Tal valor negativo de *você* no PE tem suas origens em um uso disseminado de *VM* em contextos de menor cortesia no século XIX ou antes disso. (cf. Lopes; Martins; Souza, 2021). Historicamente, a forma *Vossa Mercê*, que deu origem à forma *você*, era inicialmente utilizada para se referir ao rei ou à nobreza, mas gradativamente passou a ser empregada para diferentes estratos sociais, perdendo seu caráter honorífico e se generalizando em contextos de assimetria ascendente de diferentes tipos.

Além das formas plenamente realizadas, Souza (2021, p. 124) defende que o verbo de terceira pessoa (tratamento apenas desinencial) seria uma variante não-marcada, bem aceita socialmente e usual numa língua de sujeito nulo *consistente* como o PE. Essa estratégia seria menos marcada, porque há vários candidatos possíveis para o sujeito: um prenome (*o João, a Maria*), uma forma de parentesco (*o avô, a prima*), um tratamento de base nominal (*o senhor, Vossa Senhoria, Vossa Mercê*), um nome afetivo (*a menina, a mãezinha*) ou a uma forma pronominal (*você*). Com isso, não seria necessário o missivista se *comprometer* a utilizar uma determinada forma realizada.

Discutidas essas hipóteses norteadoras, apresentamos o gráfico do século XIX com a distribuição das formas de tratamento analisadas a partir do subconjunto de cartas familiares:

¹² Ver a compilação de Lopes et al. (2018).



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 5 – Tipo de relação - esfera privada familiar (século XIX).

O Gráfico 5 mostra que houve o predomínio de *tu* (760 ocorrências de 1220 dados) em contextos familiares mais íntimos, seja em contextos simétricos (entre casais, irmãos, primos, cunhados, compadres, etc.) com 66%, seja em assimetria descendente (pais-filhos, tio-sobrinho, padrinho-afilhado) com 81%, como vemos nos exemplos a seguir:

- (4) Não [] podes fazer ideia o quanto o meu corasão fica de apaxonado em Rezão de [tu me dizeres] que ainda não [] vas melhor pois não ha coiza neste mundo que me possa dar alegria em eu pensar que ei de estar vivendo auzente da tua companhia (CARDS0295 – 1819. Cópia de carta de Joaquim José da Silva Mourão para sua mulher, Joaquina Teresa)
- (5) Algum ispital asim pareseme que o rremedio que terei he mandaTe as ditas duas atestaçoens a que [tu me Alcançes] de lá o avizo para ficare enzente das malicias a fim de istralare a castanha na boqua Alguns endevidos que ese gosto tem asim [tu rrezolveras] o que bem te praçer (CARDS0054 - 1809. Carta de Francisco Vaz, carcereiro, para Diogo, soldado, seu irmão.)

Nas relações em que o remetente possui menos poder que o destinatário – assimétricas ascendentes (*Filho-Pais*, *Sobrinho (a)* -*Tio (a)*) – a estratégia predominante foi o *Vossa Mercê* com 85%, seguido de longe pelas *formas nominais* (13%).

Destacam-se ainda alguns aspectos interessantes no gráfico. O primeiro deles seria o fato de *Vossa Mercê* predominar nas relações ascendentes (85%), marcando algum grau cortesia ainda presente na forma e, ao mesmo tempo, ser a segunda estratégia mais produtiva nas relações simétricas (22%). Tal comportamento parece corroborar a hipótese de que *Vossa Mercê* se espalhou pelos mais diversos tipos de

relações, deixando de ser uma estratégia *exclusivamente* de distanciamento. Menon (1995, p. 94), Lešková (2012, p. 27) e mesmo Faraco (1996) afirmam que essas formas perderam o valor honorífico, porque as pessoas da baixa burguesia costumavam imitar os nobres no emprego de formas respeitosas. Assim, *Vossa Mercê* acabou sendo usado por todo mundo. Vejamos alguns exemplos:

- (6) E, no caso que não fosse [VM capaz de cumprir] o que prometeu e querendo [VM ausentar-se] de mim, devia de fazer por outro modo e entregar quanto eu tinha comprado, uma vez que ausência era por vossemecê, pois tudo me custou a meu suor. Mas como [VM tem] coração de bronze e o meu, sendo mais macio, é a causa por que eu tenho passado tamanha vergonhas e perder o meu comando. (CARDS5203 - 1829. Carta de José Rodrigues para Leocádia do Espírito Santo –casal)
- (7) Muito estimo que [VM logre] perfeita saúde em companhia de meus manos e de quem [VM mais deseja]. Eu fico bom para em tudo lhe dar gosto. Eu lhe escrevi uma carta, a qual lhe mandei botar no correio de Lamego, pois não dizendo nem explicando a minha prisão porque não o queria dar a saber a ninguém. Pois assim agora lhe remeto esta para que [VM saiba] nos casos em que estou metido, onde se pode informar com essa mulher. (CARDS5259 - 1825. Carta de Manuel de Sousa Camões para sua mãe Sebastiana de Sousa Camões)

O outro aspecto a considerar é o raro uso de *você* no corpus do século XIX. Observou-se que *a forma* só foi empregada entre amigos: as 12 ocorrências se restringiram a apenas uma carta trocada entre dois religiosos:

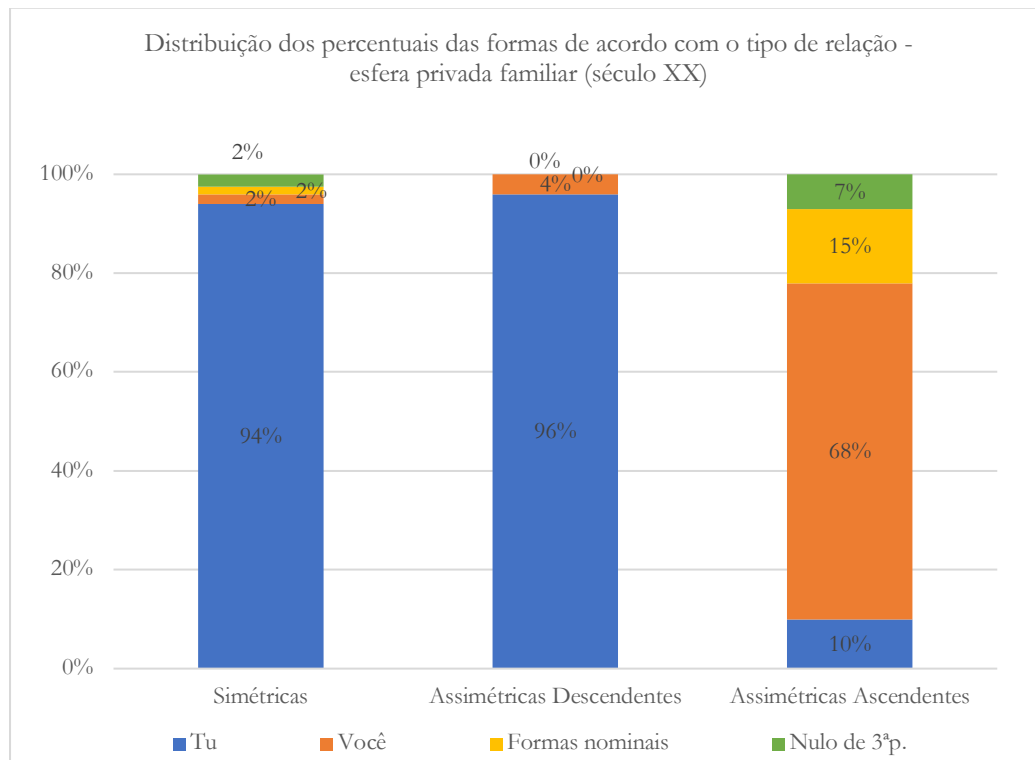
- (8) eu dezejaria bem q [voce tivesse] onde aos recolhesse pa nao sairem pa fora; logo q estiverem em cima feche a porta e nao entregue a chave (PS1037 - 1823. Carta de Mário, religioso dominicano, para frei António de São Tomás Carreno, religioso dominicano)

Souza (2021, p. 130) aponta que o emprego do *você* nesse tipo de relação parece designar um tratamento intermediário entre o *tu*-íntimo e as formas nominais um pouco mais distantes, como *o senhor(a)*. (cf. Villalva, 2003a *apud* Gouveia, 2008, p. 94).

Esses resultados do século XIX confirmam as hipóteses previstas nos trabalhos sobre o tema. Nas cartas oitocentistas da esfera familiar, observou-se:

- (i) “o comportamento estável de tu que não apresenta mudanças relevantes no PE, conservando-se para iguais e para quem detém poder sobre o outro”;
- (ii) a presença insignificante de você na amostra;
- (iii) “o comportamento instável de Vossa Mercê que parece preservar o seu valor de deferência original na assimetria ascendente, ao mesmo tempo que se infiltra em relações não-previstas (simétricas) que são contextos mais propícios ao uso de tu”. (Souza, 2021, p. 132)

Na sequência, está o gráfico do século XX feito também a partir da análise de cartas privadas escritas no âmbito familiar:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 6 – Tipo de relação - esfera privada familiar (século XX).

O gráfico relativo ao século XX, se comparado ao que fora observado para o século XIX, mantém uma grande estabilidade quanto ao uso de *tu*, que prevaleceu nas relações simétricas e assimétricas descendentes. A diferença que salta aos olhos refere-se aos índices de frequência que se tornam mais altos de um século a outro. Em termos quantitativos, a forma *tu* aparece nas cartas novecentistas em todos os tipos de relação, com destaque ainda para as relações simétricas (94% no século XX contra 66% no XIX) e assimétricas descendentes (96% no XX contra 81% no XIX). Diferentemente do observado no século XIX, *tu* amplia tanto o seu escopo, que passa a ser empregado até mesmo em relações ascendentes (10%), o que não fora observado no Gráfico 5 do século XIX.

Os resultados corroboram a hipótese de que o *tu* é a estratégia mais utilizada no PE, sendo as outras (*formas nominais*, o *nulo* de 3ª e o *você*) empregadas circunstancialmente quando não se tem segurança sobre a relação de intimidade entre os missivistas: nas relações de intimidade, utiliza-se o *tu*, no entanto, se há algum nível de distanciamento, conflito ou outra motivação qualquer, as outras formas podem emergir no discurso, como é o caso do uso de *o senhor* nas cartas de supostos “amigos”, em (9):

- (9) Também o desejo q é meu. Peço-lhe q me mande isso e se ao receber esta se o[N] não tenhaver falado concigo, [o senhor providencie] e mande-lhe entregar no Q G do C.E.P. estas coisas. Eu tenciono lá ir mas vou de automovel e nesse momento não posso tratar e levar essas coisas (FLY2386 - 1917. Carta de amizade trocada entre dois militares)

As formas nominais, entretanto, podem expressar bastante proximidade, como é o caso das formas de parentesco, em (10) e as formas afetivas em (11):

- (10) [A prima] quan-do receber os seus iscreva-me por favôr que eu istou anciosa para sabêr se fouram entregues ou não (FLY1663 - 1948. Carta familiar entre primas)
- (11) Tendo hoje possibilidade de lhe dizer alguma coisa sobre mim, lhe envio esta carta pelo meu colega [N] que não sei se [a maesinha o conhece]; mas enfim, ele prontificou-se em ir ahi dizer-lhe alguma coisa sobre a minha situação (FLY2423 - 1918. Carta familiar de um Sargento do CEP para a mãe)

O *nulo de 3^ap* parece funcionar como uma estratégia de esquiva. O redator pode optar por um “pronome nulo Ø que permite evitar os mal-entendidos decorrentes de um uso inapropriado de *você*” ou de um tratamento de base nominal explícito, em (12), (cf. Duarte, 2011, p. 101):

- (12) Estou bastante admirada com o seu silêncio; estamos com pouca sorte na correspondência, pois escrevi-lhe uma carta pelo Natal e nunca mais tive correio seu; já sou-be que [] estive no mato e esse foi com certeza o motivo de não []receber o meu correio; espero que não[] esteja zangado comigo (FLY1432 - 1971. Carta de amizade recebida por um militar)

Como se viu nas cartas oitocentistas, os dados de *você* também se mantiveram marginais no corpus do século XX. Dos 2590 dados encontrados, apenas 46 foram de *você* em cartas de amigos (simétricas), em (13), e 48 ocorrências foram localizadas em cartas assimétricas de filhos-pais, em (14):

- (13) Num trecho da sua carta [você diz] que não nos conhecemos pessoalmente, porém nos conhecemos no espírito e nas ideias. Acho que [você tem] razão, porque eu também sou muito retraída; não consigo falar de mim, do que penso e sinto. (FLY1588 - 1968. Carta de amizade enviada por uma emigrante)
- (14) Mãe então como vai a sua saude eu aqui ando sempre ando sempre a pensar em você porque ainda não recebi correio nenhum seu e não sei se [você está] bem ou mal ao menos escreva-me para mandar dizer se está bem ou mal como vê eu tenho lhe escrito sempre e [você ainda não me escreveu] nenhuma vez nem a minha irmã ainda não me escreveu (FLY1192 – 1971. Carta familiar de um soldado português para sua mãe)

Por fim, cabe analisar o aparente alto percentual de *você* (68%) que aparece no gráfico para as relações assimétricas ascendentes. À primeira vista, na comparação entre os resultados dos dois séculos expressos nos gráficos, tendemos a supor que *você* ocupou, no século XX, o lugar deixado por *Vossa Mercê*. Entretanto, uma análise qualitativa dos dados evidenciou que apenas oito missivistas utilizaram o *você* (cinco homens e três mulheres). Quanto ao período da escrita dessas cartas, três são da 1^a metade do século XX e todas as demais dos anos de 1960-1970. Quanto ao contexto histórico: (i) 12 cartas desses oito missivistas foram escritas por um homem, no contexto da Guerra Colonial (década 1970), (ii) nove foram escritas por três mulheres, no contexto de emigração (anos 1960-70), (iii) três no contexto da 1^a guerra Mundial (décadas de 1910); e (iv) uma carta, por um exilado em 1974. Outro fato a considerar é que apenas três cartas foram escritas em Portugal e todas as outras produzidas por portugueses que emigraram para o Brasil, Angola e outros países, como Itália e França. Vejamos alguns exemplos:

- (15) Eu gostaria imensamente de ir a [L] para rever tôda a minha família e os amigos, entre os quais está você. Só espero que êsse dia não demore muito. Porque você não vem aqui, hem? Ah! eu gostaria que [você me mandasse] uma foto sua, será possível? Espero que sim. (FLY1586 - 1968. Carta de amizade enviada por uma emigrante. De Nova Iguaçu, Brasil, para Ermesinde)
- (16) Ainda não temos um assunto definido, mas êle aparecerá naturalmente, e por isso vou falar-lhe um pouco de mim para que [você tenha] a impressão que me conhece: Nome: [N]; Idade: 19 anos; cabelos: castanhos; olhos: castanhos- claros; Estudo: 2o científico. gosto de: música; cinema; esportes; praia; da vida; do amor; da amizade; das pessoas. (FLY1591 - 1967. Carta de amizade enviada por uma emigrante. De Nova Iguaçu, Brasil, para Ermesinde)

O que se observa com esses resultados é que os dados de *você* nas cartas novecentistas do corpus aparecem em contextos que envolvem indivíduos pertencentes a redes mais abertas e menos conservadoras. O uso do *você* estaria sendo influenciado por outros fatores para além do tipo de relação. Na amostra analisada, têm-se escreventes portugueses que viajaram e viveram fora de sua terra natal, seja em consequência da I Guerra Mundial (primeira metade do século XX), seja pela necessidade de emigrar em busca de uma vida mais próspera. Esses sujeitos, portanto, estão submetidos e/ou influenciados por outras normas linguísticas e participam de redes sociais menos densas e já não mais influenciadas pela norma de uso do PE. Como mostra Bergs (2005, p. 73), detalhes biográficos (localidade de residência, gênero, nível de educação etc.) podem favorecer um comportamento linguístico inovador ou conservador do indivíduo, atuando sobremaneira na estrutura prototípica da rede social de cada membro. Vemos, portanto, que, diferentemente do PB em que a forma *você* substituiu e ampliou os espaços outrora ocupados pelo *Vossa Mercê*, no PE o *você* não ocupou os espaços do *Vossa Mercê*. Tais lacunas foram preenchidas por outras formas, sobretudo *formas nominais* das mais diversas e até mesmo pelo *tu*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução, o trabalho buscou (i) apresentar um panorama geral das formas de referência ao interlocutor nas missivas levantadas em dois projetos *Post Scriptum* (século XIX) e FLY – Cartas Esquecidas (século XX), organizados pelo CLUL – Universidade de Lisboa e (ii) comparar os resultados relativos às cartas familiares tendo em vista o controle das relações de *Poder e Solidariedade* entre os missivistas.

Quanto ao ponto (i), foi possível observar que a forma *Vossa Mercê* foi a mais utilizada no século XIX, enquanto o pronome *tu* se mostrou mais frequente no século XX. Na amostra do século XIX, identificamos uma diversidade de formas de tratamento, sobretudo de *formas nominais*, pela presença de estratégias convencionais para tratamento hierárquico e distante (como *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Ilustríssimo Senhor* etc.). *Vossa Mercê* apareceu naquele século como a mais frequente, com 41,5%, seguida por *tu*, com 25,4%. As formas nominais representaram 23,4% e os “sujeitos nulos de terceira pessoa” alcançaram 7,4%. O arcaizante *vós* e forma “nova” *você* foram menos utilizados, com apenas 1,2%. Já no século XX, houve menor diversidade de estratégias, principalmente de *formas nominais*. Nesse século, o *tu* foi a forma esmagadoramente predominante, com 92%, seguida de longe pelo *você* (4,05%),

pelas *formas nominais* e pelo *nulo de 3ª pessoa* (2,31%). Com relação ao preenchimento do sujeito, o nulo foi mais frequente, com 58%, enquanto o sujeito pleno alcançou 42% nas cartas do XIX. A diferença percentual não foi demasiadamente acentuada pelo fato de as formas nominais e o *Vossa Mercê* serem muito frequentes na amostra, o que acarretou maior preenchimento do sujeito. O *tu*, por sua vez, ocorreu predominantemente nulo, sendo representado pela desinência de 2ªpsg. No século XX, a distribuição entre nulos e plenos não é tão equilibrada, pois o sujeito nulo se consolida como a estratégia mais produtiva, principalmente entre os pronomes. No controle do sexo do missivista, em termos da distribuição geral dos dados do século XIX, observamos predomínio de *formas nominais* (menos convencionalizadas) nas cartas trocadas entre mulheres. A forma *você* só apareceu em cartas masculinas, o que poderia sinalizar que tal forma era um tratamento evitado na escrita feminina.

Quanto ao ponto (ii), observamos que, **no século XIX**, a estratégia mais comum foi a forma *tu*, seguida por *Vossa Mercê* **em relações mais simétricas**, além de *você* e da *3ªp com mais de uma referência* que aparecerem exclusivamente nesse tipo de relação. Nas **relações assimétricas descendentes**, novamente o *tu* e a *3ªp sem referência* predominaram, já **nas ascendentes** prevaleceram *Vossa Mercê* e as *formas nominais* como era esperado. **No século XX**, o *tu* foi quase categórico nas relações **simétricas** e **assimétricas descendentes**. A forma *você* e as *formas nominais* apareceram nas ascendentes quando havia maior distanciamento entre os missivistas. Os resultados apontam para uma estabilidade no sistema de tratamento do PE, com a generalização de *tu* como sujeito nulo, no século XX, na maioria dos contextos (simétricos e assimétricos descendentes), ou seja, o pronome *tu* teve seu emprego cada vez mais difundido no PE, tendendo até mesmo a ir além dos contextos de intimidade.

As outras estratégias tratamentais parecem estar mais restritas às relações ascendentes principalmente. O emprego de *você* no corpus se limitou a missivistas que participaram de redes sociais mais abertas, ou seja, entre os emigrantes portugueses que se estabeleceram em outros países, principalmente no Brasil em que tal forma se difundiu.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin M. Estética da criação verbal. Gomes G, tradutor. São Paulo: Martins Fontes; 1981.
- Barbosa P, Duarte MEL, Kato M. A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. 2001;539-550.
- Bergs A. Social networks and historical sociolinguistics: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421–1503). Language in Society. 2005;37(2):316-317.
- Brown R, Gilman A. The pronouns of power and solidarity. In: Sebeok T, editor. Style in language. Cambridge: MIT Press; 1960. p. 253-276.
- Cintra L. Sobre formas de tratamento na língua portuguesa. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte; 1972.
- Conde Silvestre JC. Sociolinguística histórica. Madrid: Gredos; 2007.
- Duarte IM. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. Matraca. 2011;18(28):84-101.
- Duarte MEL. A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 1995.
- Duarte MEL, Kato M, Barbosa P. Sujeitos indeterminados em PE e PB. Boletim da Associação Brasileira de Linguística. 2001;(26):405-409.

- Paiva MC, Duarte MEL, organizadores. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ; 2003.
- Faraco CA. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. 1996;13:51-82.
- Fasold RW. *The Sociolinguistics of Language*. Oxford: Blackwell; 1990.
- Freire FJ. *O secretario portuguez*. Lisboa: Impressão de D. Gonsalves; 1746.
- Freire FJ. *O secretario portuguez*. Lisboa: Impressão de João Nunes Esteves; 1823.
- Gouveia CAM. As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In: Oliveira F, Duarte IM, organizadoras. *O fascínio da linguagem*. 1ª edição. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; 2008. p. 91-100.
- Guilherme ARB, Bermejo VL. Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em português europeu. *LaborHistórico*. 2015;2(1):167-180.
- Kato MA. A evolução da noção de parâmetros. *DELTA*. 2002;18(2):309-337.
- Koch P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: Kabatek J, editor. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberomaricana/Vervuert; 2008. p. 53-88.
- Labov W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*. 1990;2:205-254.
- Leskova J. *As formas de tratamento em português europeu [tese]*. Olomouc: Filozofická Fakulta, Univerzita Palackého v Olomouci; 2012.
- Lopes CRS. A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação. *LaborHistórico*. 2019;5:257-294.
- Lopes CRS, et al. A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito. In: Lopes CRS, organizadora. *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto; 2018.
- Lopes CRS, Marcotulio LL, Oliveira TL. Forms of address from the Ibero-Romance perspective: A brief history of Brazilian voceamento. In: Lopes C, Hummel M, editores. *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. Berlin, Boston: De Gruyter; 2020. p. 111-154.
- Lopes CRS, Martins AL, Souza JPD. A origem da aceção negativa de você no português europeu: os contextos de uso de Vossa Mercê em cartas oitocentistas. *LaborHistórico*. 2021;7(especial):93-126.
- Machado ACM. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX [tese]*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2011.
- Menon OS. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*. 1995;44:91-106.
- Milroy J. *Linguistic variation and change*. Oxford: Blackwell; 1992.
- Milroy L, Milroy J. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*. 1985;21:339-384.
- Milroy L, Milroy J. Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*. 1992;21(1):1-26.
- Nascimento MF, Duarte MEL, Mendes, A. Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro. *Diadorim*. 2018;20:245-262.
- Novaes JCA. *O parâmetro do sujeito nulo no português popular do interior do estado da Bahia [dissertação]*. Universidade Federal da Bahia; 2019.
- Rumeu MCB. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas [dissertação]*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.

Rumeu MCB. A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2008.

Souza JPF. Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

Souza JPF. Cartas dalém mar: a referência ao interlocutor em cartas portuguesas dos séculos XIX e XX [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2021.

Teyssier P. História da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes; 2001.

Tieken-Boon Van Ostade I. Social network analysis and the history of English. *European Journal of English Studies*. 2000;4(3):211-216.

Zemeng Y. O estudo comparativo das formas de tratamento em português (europeu) e chinês (mandarim) [dissertação]. Aveiro: Universidade de Aveiro; 2016.